

## DESNARRATIVAS DA CIDADE

Ivânia Marques  
Mestranda em Educação no Laboratório de estudos Audiovisuais (OLHO)  
da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, São Paulo  
[marques.ivania@gmail.com](mailto:marques.ivania@gmail.com)

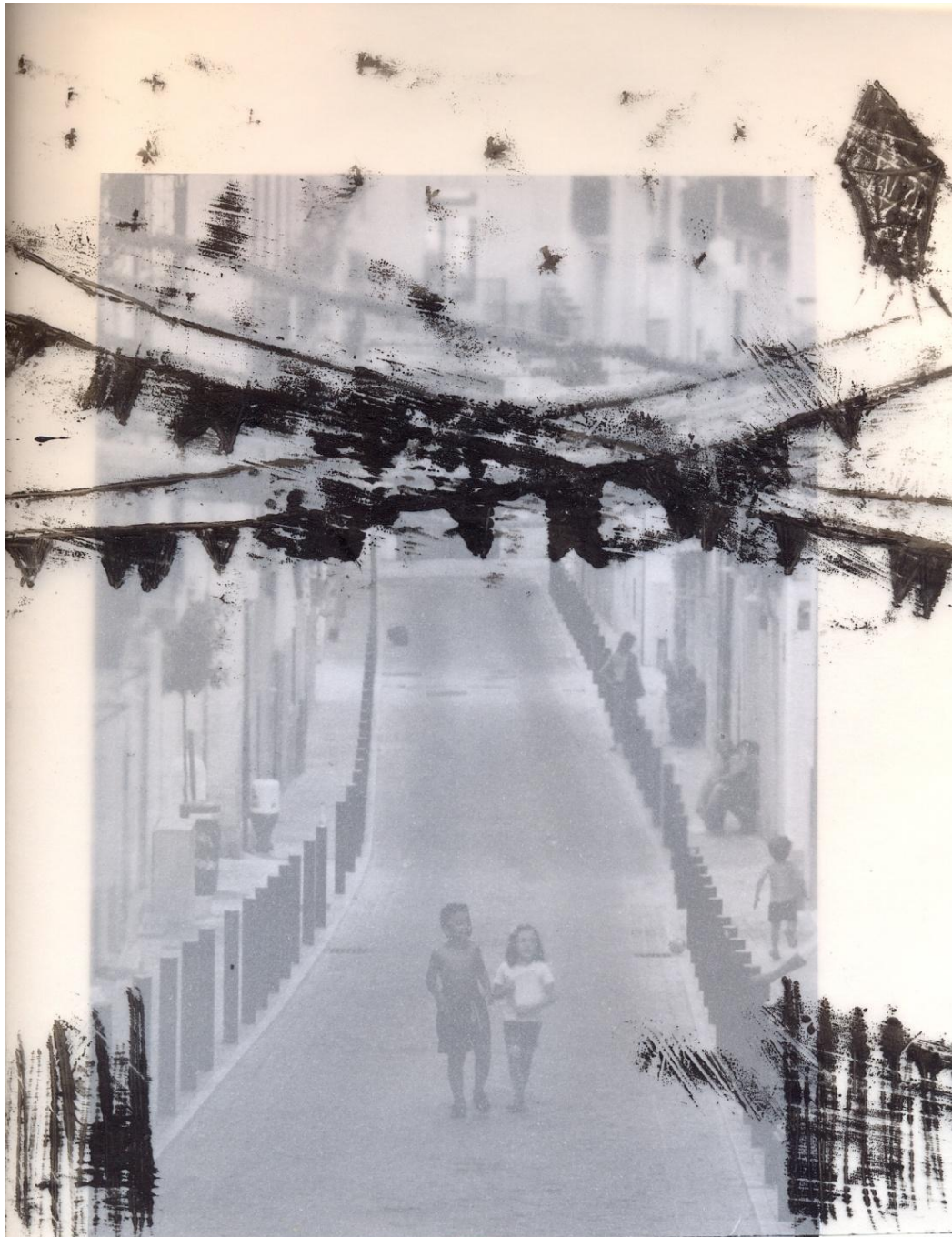


Figura I – Crianças em festa  
Fonte: Acervo pessoal.

As imagens de viagens buscam eternizar momentos e lugares visitados? Imagens guardam narrativas? Ou narrativas outras surgem em cada olhar? Nesse artigo apresento imagens que movimentam o processo de desnarrativas aos observadores. Cria um diálogo inesperado e imediato com o outro. Nós já condicionamos nosso olhar pelas mesmas imagens, imagens de viagens marcadas pelos clichês, previsíveis. Lugares turísticos nos impulsionam a fotografar sempre as mesmas imagens encomendadas e reproduzimos o espaço num mesmo enquadramento e em uma mesma perspectiva. Imagens devidamente moldadas. Imagens de “uma versão de território ou de lugar desprovida de vida” (GIRARDI, 2009, p.153). Passamos os olhos pelas imagens sem sermos afetados por elas. Precisamos conceder o espaço “sem modos de subjugar-lo” (MASSEY, 2008, p.94) permitindo variações de pensamentos e experimentações “produtora de momentos de absolutas desterritorialização” (MASSEY, 2008, p.226). Criando novas realidades estamos exercitando em uma prática de resistência que faz surgir “a necessidade do político”. (MASSEY, 2008, p. 230) buscando um devir.

Devir é captar e emitir partículas, colocando-as em movimento, é estar em encadeamento, é coexistir em níveis, em zonas de vizinhança, de indiscernibilidade, de indiferenciação. Não se trata de transformar-se em, de ficar igual a, mas de escapar a uma forma dominante. MARQUES, 2012.

Ao sair à procura de imagens e sensações durante uma viagem ou até mesmo em sua cidade novos pensamentos e enquadramentos serão experimentados pelo olhar que captura e é capturado; as imagens que se dobram e narrarão para si o desejo de capturar e se deixar capturar-se. Pelas palavras da pesquisadora Wunder (2006), uma arte de capturar para a arte de soltar. Uma arte de brotar “metáforas espaciais”. (SEEMANN, 2012, p73)

A imagem apresenta uma geografia que movimentam saberes e possibilita conexões, possibilita conexões, como um jogo. Um jogo pleno de desafios de geografias que mostram que há diferentes jeitos de se ver, sentir e registrar um lugar, lugar este que se forma, modifica e guarda tensões, pois “a leitura de imagens implica significados múltiplos, e não verdades absolutas”.(SEEMANN, 2009, p.58). Onde viajantes encontrarão suas próprias narrativas do lugar onde vivem e se libertarão de narrativas hegemônicas. Construirão “desnarrativas do lugar que desnatura-se a existência de uma dada Realidade e Verdade”. (CAZETTA, 2009, p.85).

A geografia absorve diferentes áreas, outras artes e ganha dimensões criativas, tornam-se geografias com potência menor que são de “fundamental importância na produção do conhecimento, diríamos, não somente geográfico”. (CAZETTA, 2009, p.84).

“Através da fotografia aprendemos, recordamos e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades – e de ficções” (KOSSOY, 2007, p.147)

Olhar o mundo. Buscar novos sentidos. Criando desnarrativas inventamos um jeito de resistir, inventamos novas imagens a todo o momento. Não há enfrentamos, re-insistimos com Arte. Especialmente a arte consegue se libertar e dizer sim e não ao mesmo tempo. Persistimos em pequenos movimentos criativos levados pelas sensações e percepções do lugar que as imagens revelam. Alternativas ao já estabelecido jeito de

pensar e propomos um repensar. Poderemos transformar o mundo? Podemos criar possibilidades em campos como o político, o social, o afetivo e porque não dizer o estético. Estético, pois falo de fotografia. Fotografia e fotógrafos renovam diariamente esta arte e a estética se transforma e os acompanha nessa caminhada. Aqui apresento uma maneira diferente de rasurar fotografias. Rasurar o mundo.

Um jogo tornando única a fotografia e cruzando dois mundos no vazio que as separam. Cada imagem coexiste em monotipias feitas em papel vegetal e se prolongam em fabulações sobre no que antes eram apenas fotografias de viagens.

A série desliza a ideia de verdade e do real colada nas fotografias documentais e resgata o lado brincante (FLUSSER) propondo desnarrativas. Brinca com as imagens como Guimarães Rosa brinca com as palavras quando escreve “uma borboleta saiu do bolso de uma paisagem”. Escolher uma imagem e re-inventá-la. Em cada imagem unimos dois mundos Um do que era antes apenas registro de viagem de um país distante e com diferentes culturas. Outro criado pela monotipia.



Figura II – Pelos ares  
Fonte: Acervo pessoal.

Escolher uma imagem e re-inventá-la. Em cada imagem unimos dois mundos Um do que era antes apenas um vestígio de viagem de um país distante e com diferentes culturas. Outro criado pela monotipia.

A técnica da monotipia é bem simples. Colocamos tinta em uma superfície lisa, vidro. Entintamos a superfície com a preta, ou nossas cores preferidas. Colocamos uma folha na superfície com tinta. Desenhamos livremente. Monotipia é um desenho de surpresa. Revela-se em avesso, imprevisito. Impresso pelo avesso com pequenos gestos

criativos nos expressamos. O reverso é a finalização da obra. Único, só uma vez conseguimos a mesma pressão ao desenhar, a mesma ideia, o mesmo gesto expressivo.

Aqui a monotipia busca um vazio, um espaço para formas delineadas pulsar das imagens. Mira Schendel (1919-1988) explora a opacidade. Ela tem um olhar alternativo e procura desdobramentos para o fazer clássico da pintura. Com ela me inspiro e me desdubro em linhas finas pela monotipia. Arte da sensibilidade.

Uma simples imagem de uma viagem carregada de narrativas ao colocarmos uma folha vegetal sobre ela, brincamos. Brincamos na escolha com/na fotografia. Na folha vegetal desenhamos o que nos atravessa e o que somos atravessados. Entre a fotografia e o desenho há um vazio. Um entre pleno de magias.

A fabulação é desterritorialização, é o “entre”, o “meio”, um desafio e uma experimentação. (...) Uma experimentação do real em fuga numa relação de poder. Um processo com potencial de transformar as relações sociais e do meio através das imagens. Fabulando outros mundos. (MARQUES, 2013, p.157)

O que a imagem vai passar é justamente essa resistência. Tudo que a câmera registra é um desvelamento (SONTAG, 2004 p.137) Resistência ao desvelamento, o papel vegetal continua a manter esse ocultar e velar, fazendo compreender que mesmo desvelando-se a imagem continua velada diante de nós. A fotografia captura apenas um resquício do real. É o conflito que surgiu no início do processo químico onde se explicava o que o daguerrotipo era o “espelho do mundo” (MACHADO, p.11). A fotografia continua pressa na trajetória de realismo, confirmamos ao dizer que aquilo é assim diante de nossas fotos de viagem ou pelas “imagens ilustrativas” dos livros didáticos. Mantemos a opacidade de pensamentos. É o conflito que nos força a composição. Compomos as duas artes e quando a colamos imaginamos algo novo. Isso é o mais interessante, a desconexão e o improvável. Provocamos o encontro para pensarmos, fabular limites e sentir o insensível nas experiências.

Como Manuel de Barros (1994, p. 4) diria: “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul. Que nem criança que você olha de ave.”

Complicamos a escola e a vida, pois não pensamos a geografia como algo vivo, que se modifica como um tecido que bordamos diariamente, no decorrer do tempo jamais será o mesmo. Podemos continuar nos apropriando do velamento para nos proteger das dificuldades ou podemos nos desdobrar a arte em geografias.

Conectadas ou separadas imaginamos mundos diferentes. Mundos de desnarrativas. Silêncio. Podemos brincar com o levantar das folhas e perceber os dois mundos. Podemos perceber a transformação do lugar. Podemos criar novos mundos a partir desses. Escolhemos pela captura ou pela imaginação. O papel vegetal provoca um velamento parcial, mas não consegue apagá-la por completo. Interpretações surgem e com elas surgem também significações desse vai e vem da folha. Podemos fundir realidades. Com Deleuze, poderia dizer:

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. [...] Não há método para encontrar tesouros nem para aprender [...]. Mas a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento [...]. Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. (DELEUZE; GUATTARI, 2006, p.237-238).



Figura III – Encontros  
Fonte: Acervo pessoal.

A arte permite dobras e dobras nesse arranjo. Brincando nem percebemos a complexidade dessa composição. Lançamos apenas a poética da brincadeira, poética do espaço, poética das imagens e poética da vida. Relacionamos Arte e Lugar. Sensações e conhecimentos. Da mesma forma, os olhares curiosos dos alunos “que lidam, que burilam, fazem derivar o conceito de cidade para além do pensamento habitual” (OLIVEIRA, 2010, p. 172).

A obra de arte consegue quebrar a lógica imposta pelo belo o pelo estranhamento. A arte vira um abrigo e diminui essa tensão com relação ao mundo. A fotografia ensaia seus esforços para romper com a verdade/real. Validamos a idéia sempre que usamos a mesma imagem para representar e ilustrar os textos didáticos diariamente. Será que conseguiremos desvelar a força do velamento?

Podemos brincar com palavras na tentativa de nos esvaziar. Frágil ideia. Ao escrever, fabulando, agencio mais e mais ideias. Um sem fim. As imagens brincam, a palavra briga com o papel, palavras coletadas na mala da viagem continuam a brincadeira e se faz em poesia. As imagens podem ser vistas e manipuladas dependendo do espectador atento. Faz e refaz a composição fotografia-monotipia. O poema pode ser lido de cima para baixo, como sempre fazemos, mas continuam em poesia se lidos de baixo para cima continuando o ciclo da criação, invenção, arte.

Na figura I surge a possibilidade de criar com os desenhos em monotipia uma festa brasileira pelas ruas de Portugal. As mesmas linhas da fotografia convidam a compor o momento. Unem dois tempos, dois lugares distantes e unem as infâncias. O tempo se funde e se dilata. O lugar já não sabe ao certo, onde seria. Mergulhamos na atmosfera tênue e apenas sentimos. Percebemos e somos afetos ao olhar. Criamos uma

imagem-sensação. Outros apenas olhariam a fotografia. Outros procurariam pistas do lugar. Outros gostariam da monotopia. Outros teriam dúvidas se poderiam levantar ou não o papel vegetal. Mas, todos estariam fisgados pela curiosidade. Cabem diferentes narrativas para a imagem. O que importa é romper com o aprisionamento das imagens viagens.

Fim de tarde!  
Algo pelas ruas  
magia  
partilha  
sonhos  
brincadeiras  
perpassa  
infâncias  
geografias  
fotografia  
através do obturador  
vou percorrer  
caminhos  
ladeiras  
imagear

Na Figura II a pessoa se mistura aos pombos. Parece nem ser afetado pelo ambiente a sua volta. Lembra a liberdade de um vôo como os pássaros ao seu redor. São pássaros que atravessam a imagem e se transformam em desenhos. Que lugar seria esse? Aqui alguns perguntariam pela estranha imagem humana e as aves ficariam em um segundo plano. Outros perceberiam detalhes da figura humana em destaque. Observariam atentamente suas roupas e o que traz em um dos braços. Com essa imagem percebemos o quanto somos atravessados por tudo o que nos afeta ao elaborarmos nossas perguntas. Eu apenas sinto os movimentos dos pássaros. Parecem semelhantes. Voam com e nele. Aparentemente parece que a qualquer momento levantará vôo também. O ponto mágico se destaca. Pombos. Fica a rasura de um mundo desenho que penetrou ou escapou da cena.

Vôo  
livre  
homem  
branco  
diferentes  
movimento  
carros  
pessoas  
descaso  
esquecimento  
desejo inocente  
ausente  
não  
lamento  
revejo  
o que vi  
repenso

Na figura III a literatura movimenta o desenho. É como se a qualquer momento Dom Quixote invadisse a cena e nossa câmera captasse o momento exato do ataque ao moinho. O adensamento de ideias é permitido e fazem fluir narrativas mobilizadoras de desenhos. Aqui o personagem ganha vida e se encaixa na paisagem. O pensamento volta a ensaiar outras narrativas. Difícil é satisfazer a nossa curiosidade e com nossos limites, desenhar. É preciso estar em harmonia – imagem, pensamento e monotipia. Estabelecemos uma procura para realçar alguns detalhes. A conversa se instaura e as ideias burilam nossas cabeças.

aprecio  
moinhos  
cercada pelo vento  
frio  
distante  
pensamentos  
descanso  
compartilho  
ao lado  
da irmã  
da amiga  
parceria  
ao vento  
conversas

Essas poéticas fotográficas nos levam a experimentar o espaço. Torna uma viagem inspiradora e provocadora de novas descobertas. De percepções e maneiras diferenciadas de ver e sentir. Atualmente repenso a fotografia e ignoro o simples gesto mecânico, automático, do equipamento para captar imagens. Ignoro a forma conceitual e de manipulação dos recursos possíveis da câmera.. Busco encontros e a subjetivação disponível para inventar momentos. Re-significações que aprendemos com o simples gesto de fotografar e enxergar/apropriar da invenção fotográfica.

Pensamentos que me atravessam e me asfixiam. Pontos de tensão. Criação e imaginação para Deleuze (2005). Experimentações. Experimentações apostando “na arte, no sensível, tornar sensível algo que estaria insensível no sensível” (OLIVEIRA JR, 2012). Uma ação de resistir.

A arte de viver é criar consigo mesmo e com os outros – individualidades, seres, relações qualidades que sejam inomináveis. (FOUCAULT, 2001, p. 1075)

Nós derivamos em rasuras, rotas de fugas, percursos já traçados e “revertendo o interior, constituindo uma superfície sensitiva onde todas as imagens e todas as sensações circulam” (José Gil, 2000, p.131).

Pensar a imagem a procura de um espaço (OLIVEIRA JR, 2012):

(...) lugares geográficos são, eles próprios, produtos narrativos, que se constituem tanto daquilo que se manifesta física e socialmente nele quanto dos discursos e falas que se dobram sobram sobre eles.

Uma narrativa rasurada pelas imagens das câmeras. Subjetividades. As imagens retornam, eles retornam, retornam com mais intensidades. Afinal que tempo é esse?

Pensar é criar. Faz nascer o que não existe, a invés de simplesmente representar o que já é dado. É transformar e fazer do pensamento e arte verdadeiras máquinas de guerra. São aberturas e possibilidades.

Recentemente visitei uma galeria com uma obra de Lygia PAPE. Ali visualizei a arte como expressão de vida. Produção imersa na vida e na cidade. Lygia sintetizava “tudo o que eu faço em arte é o que eu faço na vida” (Jornal do Brasil, 1979).

Ela também fala de espaço imantado.

“A partir de minhas andanças de carro pela cidade – porque eu ando muito de carro – fui percebendo um tipo novo de relação com o espaço urbano, assim como se eu fosse uma espécie de aranha tecendo o espaço, pois é um tal de vai daqui, cruza ali, dobra adiante, sobe e desce em viadutos, entra e sai de túneis, eu e todas as pessoas da cidade, que é como se passássemos a ter uma visão aérea da cidade e ela fosse uma imensa teia, um enorme emaranhado. E eu chamei de ‘espaços imantados’ porque aquilo tudo era uma coisa viva, como se eu fosse caminhando ali dentro a puxar um fio que se trançasse e se enovelasse ao infinito. E o camelô também seria uma forma de espaço imantado, no sentido de que ele chega assim numa esquina, abre aquela malinha e começa a falar, criando de repente ma imantação, com as pessoas todas se aproximando, se ligando àquele discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo, e de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz.” (PAPE, 1983, p. 47)

Talvez... Talvez seja essa nossa relação com o espaço - imantada.

Combatemos com imagens ao deslocar pensamentos quando encontro o próprio jeito de perceber, de expressar e experimentar o espaço geográfico e buscar criações rompendo barreiras.

A brincadeira nos envolve numa ludicidade geográfica e permite deslocamentos de pensamentos e ensaia novas possibilidades de perceber/estar no mundo. As imagens procuram “encontrar devires minoritários que não aspiram imitar nada, a modelar nada, mas a interromper o que está dado e propiciar novos inícios” (KOHAN, 2007, p.97). A linguagem fotográfica procura viajantes criativos e livres para compor suas desnarrativas e os viajantes desavisados poderão encontrar em/nas fotografias maneiras de fluir, escapar e viver.

## REFERENCIAS

BARROS, Manuel. O livro das ignoranças. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

CAZETTA, Valéria. O status de realidade da fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. Pro-Posições (UNICAMP), v. 20, p. 7-19, 2009. P.71-86.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. Pro-Posições (UNICAMP), v. 20, p.147-157, 2009.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. Os tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOHAN, Walter. Infância, estrangeiridade e ignorância - ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES, D. *Entre literatura, cinema e filosofia*: Miguilim nas telas. Tese de Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa,



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2013.

MARQUES, Ivânia. *Desvelando a cidade*.

MARQUES, Ivânia. *Série Desnarrativas – Arquivo Pessoal*. Americana/SP, 2011

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo (Org.) ; HOLZER, Werther (Org.) ; OLIVEIRA, Livia de (Org.) . Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, p.3-16, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslão Machado de. Vídeos, resistências e geografias menores – linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. Terra Livre, v. 1, p. 161 – 176, 2010.

SEEMANN, Jörn. Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer. Pro-Posições (UNICAMP), v. 20, p. 7-19, 2009.

SEEMANN, Jörn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos mapas. In:

MARANDOLA JR., Eduardo (Org.) ; HOLZER, Werther (Org.) ; OLIVEIRA, Livia de (Org.) . Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 69-91.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercício de olhar. 29ª Reunião Anual da ANPed – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Minas Gerais, Caxambú: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, 2006.